

25 Abril

Senhor Presidente da AM; Senhor Presidente da CM; Senhoras e Senhores Deputados e Vereadores Municipais jovem Autarca, presidente da Assembleia de Crianças, amigos todos

Abril é, essencialmente, sinónimo de Liberdade. Lembrar a gesta dos “capitães” faz-me recuar aos meus tempos da escola primária, sendo tema de composição do meu exame da 4.ª classe. Cedo bebi os ideais de Abril! Mas para exaltar o valor da Liberdade, nada melhor que recordar Miguel Torga.

Nesse dia escreveu no seu diário: *“eleições sérias, finalmente. E foi nestes cinquenta anos de exílio na pátria a maior consolação cívica que tive. Era comovedor ver a convicção, a compostura, o aprumo, a dignidade assumida pela multidão de eleitores a caminhar para as urnas, cada qual compenetrado de ser portador de uma riqueza preciosa e vulnerável: o seu voto, a sua opinião, a sua determinação. Parecia um povo transfigurado, ao mesmo tempo consciente da transcendência do acto que ia praticar e ciente da ambiguidade circunstancial que o permitia. O que faz o aceno da liberdade, e como é angustioso o risco de a perder! Assim os nossos corifeus saibam tirar do facto as devidas conclusões. Mas duvido. Nunca aqui os dirigentes respeitaram a vontade popular, mesmo quando aparentam promovê-la. No fundo, não querem governar uma sociedade de homens livres, mas uma sociedade de cúmplices que não desmintam a degradação deles.”*

É por isto mesmo, tal como Torga, que vivi estes acontecimentos de sonho (apesar de ser criança, no exemplo de meus pais que estiveram presentes /colaboraram ativamente nas primeiras eleições) que com inestimável honra e orgulho me encontro aqui para, em conjunto, festejarmos mais uma vez o aniversário do 25 de Abril de 74, o seu 47º aniversário. Honra, orgulho e também com o peso da responsabilidade depois de ter tido uma filha jovem autarca e um pai que viveram uma situação idêntica.

Porque estamos em ano de eleições, autárquicas, é essencial ter presente que o poder local foi umas das principais conquistas deste acto libertador. Antes, “reinava” quem a vontade ditatorial impunha. Hoje, somos livres de escolher e compete-nos fazê-lo com dignidade e responsabilidade.

Convém assim realçar um Abril que, às vezes, talvez por ser dado como adquirido, é esquecido. Esquecido de tal forma que, cada vez mais, os mais novos se afastam e desinteressam da vida política e até do dever cívico de participação na vida democrática do seu país, quanto mais não seja, através do exercício do direito de voto.

Abril democratizou. E deu-nos a possibilidade de tomar o nosso destino nas mãos. E Democracia é isto. Há posição e oposição, há liberdade de opinião e de expressão, há eleições livres para homens e mulheres, há a luta pelos projectos e opções, que podendo ser diferentes, devem ser sempre em prol do bem-estar comum e do desenvolvimento do concelho.

Mas porque comemoramos o 25 de Abril, a Liberdade, a Democracia, urge recordar o que esta significa e o que aos capitães de Abril tanto custou a conseguir alcançar. Durante cerca de 40 anos vivemos em ditadura, em opressão, sem direitos, liberdades e garantias. Poderá causar espanto que 47 anos após a Revolução de Abril ainda se abordem estes temas e desta forma.

É, porém, fulcral integrar as novas gerações, porque não sentiram ou já não se lembram disso. A história começa a ficar esquecida, arrumada numa prateleira, e o que é pior: a de não saber nem querer saber.

Precisamos de educar os nossos jovens para os valores da democracia. Precisamos de lhes lembrar que as principais funções da democracia são a protecção dos direitos humanos fundamentais, como as liberdades de expressão, de religião, a promoção de uma cultura de igualdade de género e erradicação de violências e as oportunidades de participação na vida política, económica, e cultural da sociedade.

Precisamos também de alertar os nossos jovens para os perigos de outras opressões, como as dependências nas tecnologias, nas redes sociais e no digital.

Tendo experimentado na primeira pessoa (sou professora) a modalidade do ensino à distância por imposição deste inimigo comum e invisível, que a todos pode atacar independentemente da raça, da cor, do credo e do cartão de crédito, estou consciente dos perigos do excesso do on-line, seja ao nível da saúde mental (precisamos de conviver, de interagir cara-à-cara) seja ao nível dos constrangimentos das atividades letivas à distância (até pela desigualdade no seu acesso), entre outros.

A crise económica, o extremismo religioso, os atos de terrorismo estão a levar a Democracia mundial e europeia a viver um tempo que diria quase sem precedentes.

Precisamos não esquecer para não repetir. O medo, a xenofobia, o racismo, começam a imperar um pouco por todo o mundo. Os partidos de extremos (de direita ou de esquerda) começam a ganhar terreno. Os exemplos abundam com o perigo de guerra eminente. Atentados, bombas, armas nucleares, restrições de direitos, liberdades e garantias.

Vivemos numa Europa que parece estar a desmoronar-se, cuja união começa a desfragmentar-se. Uma Europa que, por medo, pensa cada vez mais em fechar fronteiras, impedir a emigração, proibir a permanência de estrangeiros nos seus países. Fomos e somos um povo de emigrantes - antes de mala de cartão, agora os de formação e qualificação superior.

Precisamos de ser tolerantes, (sem ser ingénuos) e dignificar e acolher todos os povos, especialmente aqueles que são obrigados a fugir do seu país, depois de tudo perder, bens e familiares.

Precisamos de ensinar aos jovens que a democracia, podendo não ser perfeita é o melhor de todos os sistemas políticos. Precisamos todos de não ter medo e não voltar à radicalização de direita que esteve na origem da segunda guerra mundial. A angústia causada pela simples limitação da liberdade de opinião e de expressão é um dos maiores atentados à dignidade humana.

Devemos ter orgulho e não esquecer que, mais uma vez, o nosso pequeno país, foi grandioso. Foi exemplo para o mundo. Conseguimos fazer uma revolução, um golpe de estado, derrotar a ditadura e implantar a democracia, uma revolução, com... cravos. Cravos vermelhos! Cravos que enfeitaram as armas empunhadas pelos soldados.

Façamos hoje esta bela imagem correr mundo, que ele bem precisa.

E recordo, como consequência do glorioso 25 de Abril, a celebração do 1.º de Maio, dia mundial do trabalhador de 1975. Recordo, pois estive presente, a acompanhar os meus pais, em Lisboa, com marcha final desde o Estádio 1.º de Maio até ao Terreiro do Paço, marcha que as minhas tenras pernas, apesar de tantos anos volvidos, ainda sentem!

Penso, para terminar, que nunca é demais recordar que a data de 25 de Abril de 1974 é inesgotável para todos aqueles que amam a democracia e que a consideram uma das datas mais felizes para o Povo Português.

Temos o dever de transmitir aos mais novos que Portugal não era como o encontramos hoje, e que tal facto se deveu, inegavelmente, à revolução dos Capitães de Abril.

Depois, citando Ary dos Santos, é nosso dever dar continuidade “às portas que Abril abriu”.

Viva o 25 de Abril! Viva SM Feira! Viva Portugal!

Santa Maria da Feira, 25 de abril 2021

A Deputadas Municipal

Carla Adriana Pinto